

LITERATURA INDÍGENA: DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DOS CONTOS DE ETNIAS BRASILEIRAS ORGANIZADOS POR DANIEL MUNDURUKU

Tatiana Santos Oliveira (UEMASUL)

tatiana.uemasul17@gmail.com

Lilian Castelo Branco de Lima (UEMASUL)

liliancastelo@uemasul.edu.br

RESUMO

Sobre o conceito de literatura gravitam muitos debates, entre eles a validação de narrativas que apresentam características literárias como literatura de fato. O que vem sendo contestado, em especial, por escritores indígenas, entre eles Daniel Munduruku. Sendo que ele coletou diversos mitos de diferentes etnias indígenas do Brasil e os denomina como contos indígenas. Nesse contexto de debate, este estudo apresenta como objetivo central analisar as características de textos que compõe a obra “Contos Indígenas Brasileiros”, com base nos estudos de Vladimir Propp (2003), assim como o trabalho de Alan Dundes (1996) sobre a morfologia e estrutura dos contos indígenas norte-americanos. Ressalta-se que este estudo é uma ação que busca ir ao encontro de uma formação acadêmica que privilegie a riqueza da cultura e história indígena, sendo que é resultado de um projeto de iniciação científica desenvolvido no curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão. E para alcançar o objetivo proposto se desenvolveu uma pesquisa bibliográfica, descritiva e explicativa, que nos levou a considerar que os textos analisados de fato apresentam as características desse gênero literário apresentados pelos teóricos que norteiam as análises. Assim, validando-as como contos.

Palavras-chave:

Saberes Tradicionais. Estrutura do conto. Literatura indígena.

ABSTRACT

On the concept of literature gravitate many debates, among them the validation of narratives that present literary characteristics as literature in fact. This has been contested in particular by indigenous writers, including Daniel Munduruku. Since he collected several myths from different indigenous ethnic groups in Brazil and calls them as indigenous tales. In this context of debate, this study presents as its main objective to analyze the characteristics of texts that compose the work *Brazilian Indigenous Tales*, based on the studies of Vladimir Propp (2003), as well as the work of Alan Dundes (1996) on morphology and structure of North American indigenous tales. It is noteworthy that this study is an action that seeks to meet an academic background that privileges the richness of indigenous culture and history, and is the result of a project of scientific initiation developed in the course of Letters, Portuguese Language and Language Literatures. Portuguese from the State University of the Tocantina Region of Maranhão. And to achieve the proposed objective, a bibliographical,

descriptive and explanatory research was developed, which led us to consider that the analyzed texts actually present the characteristics of this literary genre presented by theoreticians that guide the analyzes. Thus validating them as short stories.

Keywords:

Traditional Knowledge. Structure of the tale. Indigenous literature.

1. Introdução

Todas as literaturas devem ser respeitadas em suas especificidades e diferenças, sendo que qualquer povo tem direito à literatura como forma de arte e fruição, além de expressividade da memória e a identidade de sua gente. No entanto, na prática, não é isso que ocorre com aquelas que destoam do cânone eurocentrado, fato que também ocorre no Brasil, onde ainda se ensina e valoriza, de forma preponderante, aquela produzida dentro dos padrões da literatura escrita europeia, mesmo o povo brasileiro também apresentando em seu arcabouço de expressividades literárias aquelas tributárias do povo africano e dos povos nativos das américas.

É exatamente por entender a importância da história e cultura africana e afro-descendente, assim como indígena que foi criada a lei 11.645/08, que determina que a disciplina de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena seja inserida nos currículos das redes de ensino públicos e privados, obrigando que a educação brasileira contemple também esses saberes e discuta sobre a rica contribuição desses povos para a formação do nosso povo. Dessa forma, por entender a importância de se fomentar o conhecimento dos saberes e valores indígenas, este artigo se dedica a analisar de forma descritiva explicativa as características dos contos de autoria indígena, apoiados nas ideias de Coelho (1987), D'Angelis (2008), Alan Dundes (1996), Vladimir Propp (2003) e Lima (2011).

2. Literatura e identidade indígena

No livro *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* a professora universitária e primeira indígena com doutorado na área da literatura, Graça Graúna, faz uma investigação sobre a produção literária indígena no Brasil, que ela conceitua como:

[...] um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas

origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones. (GRAÚNA, 2013, p. 15)

Nessa mesma perspectiva, a lei nº 11.645/08 tornou obrigatório o estudo de história e cultura afro-brasileira e indígena reconhecendo a rica contribuição desses povos para a formação do nosso povo, através de debates nas redes de ensino público e privado de toda esfera social brasileira que contemple esses saberes. Diante da importância de incentivar o estudo desses saberes e valores indígenas, Gehlen afirma que “a escola é o instrumento para que os índios possam representar seu universo e a si próprios para além da aldeia” (GEHLEN, 2011, p. 88).

Partindo desse pressuposto, tanto a história indígena, quanto à africana devem ser valorizadas e respeitadas em suas diferenças, pois, a literatura indígena contribui não somente para a formação do povo brasileiro, mas também para fortalecer a identidade étnica das sociedades tradicionais. Trata-se da importância das narrativas para reforçar a identidade com a literatura. Para que os jovens do futuro tenham conhecimento de sua própria história, seus preceitos, crenças e sentimentos, já que “partindo de histórias contadas pelos mais velhos, os mais jovens aprendem muito” (GRAÚNA *apud* PRESSE, 2016, s/p).

Para Daniel Munduruku (2002), no que diz respeito à identidade cultural do povo indígena:

Somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo atrás... Vindo de outros lugares... Iniciado por outras pessoas... Completado, remendado, costurado e... Continuado por nós. De forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia. (MUNDURUKU, 2002, p. 41)

Diante disso, percebe-se que as narrativas possuem um papel fundamental na formação de uma geração que contemple a memória e identidade de sua gente, as escolas então, servem como meios para o fortalecimento da identidade desse povo que “por muitos anos foi subjugado e que tinha sua cultura desvalorizada em face do etnocentrismo que ainda hoje se perpetua na sociedade brasileira” (GAUDÊNCIO; BERNARDES; MELO, 2014, p. 9).

3. *Estrutura dos contos indígenas*

Segundo Coelho (1987), os contos mostram-se como narrativas maravilhosas, dessa forma são classificadas em: Contos maravilhosos e contos de fadas. A autora assegura que as características dos contos maravilhosos e a forma como os mesmos se desenvolvem são:

[...] narrativas sem a presença de fadas, via de regra se desenvolvem no cotidiano mágico (animais falantes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares, objetos mágicos, gênios, duendes etc.) e têm como eixo gerador uma problemática social (ou ligada à vida prática concreta). Ou melhor, trata-se sempre do desejo de auto realização do herói (ou anti-herói) no âmbito socioeconômico, através da conquista de bens, riquezas, poder material etc. Geralmente, a miséria ou a necessidade de sobrevivência física é o ponto de partida para as aventuras da busca. Eles se originam das narrativas orientais, e enfatizam a parte material/sensorial/ética do ser humano: suas necessidades básicas (estômago, sexo, vontade de poder), suas paixões do corpo. (COELHO, 1987, p. 13)

Nos contos de fadas, Coelho (1987) destaca:

[...] com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) e têm como eixo gerador uma problemática existencial. Ou melhor, têm como núcleo problemático à realização essencial do herói ou da heroína [...]. (COELHO, 1987, p. 14)

Tratando-se de literatura indígena as características dos contos maravilhosos são mais perceptíveis, pois possuem: narrativas curtas; autoria anônima; apresentam animais falantes; elementos mágicos e encantamentos surgem como meio para a resolução dos problemas, que mesmo quando é de ordem pessoal tem relação com o social; a narrativa se desenvolve em torno de uma busca.

Nesse quadro, D'Angelis (2008), ao analisar as narrativas indígenas afirma que há dois tipos de histórias de origem indígena na cultura brasileira: as historietas de bichos e as histórias de seres da floresta.

As histórias de bichos costumam envolver pares que se opõem: o jabuti e a onça, [...] etc. O fio condutor da narrativa, quase sempre, é uma disputa entre os dois animais, às vezes gerada pela prepotência do mais forte e poderoso, às vezes por uma iniciativa (sempre vista como legítima) da parte mais fraca. E a narrativa é sempre conduzida a uma solução inteligente e engenhosa (a favor) do mais frágil, como uma forma de enaltecer o valor da inteligência e da reflexão, contra a força bruta e as ações impulsivas. (D'ANGELIS, 2008, p. 141)

Com base nessas ideias de Coelho (1987) e D’Angelis (2008), assim como no trabalho de Alan Dundes (1996) sobre a morfologia e estrutura dos contos indígenas norte-americanos, nos estudos de Vladimir Propp (2003) e Lima (2011), observa-se a seguir três quadros de análise das características que podem ser identificadas nos contos indígenas publicados no livro *Contos Índigenas Brasileiros* de Daniel Munduruku.

4. Análise das características dos contos de etnias brasileiras organizados por Daniel Munduruku

Quadro 1: Características do conto: *Do mundo do centro da terra ao mundo de cima.*

CARACTERÍSTICAS DO CONTO	Do mundo do centro da terra ao mundo de cima (MUNDURUKU, 2005, p. 7-12).
PRESENÇA DE ELEMENTOS FICCIONAIS	“Eram também criações dele os rios, as árvores, os animais, as aves do céu e os peixes que habitam todos os rios e <i>igarapés</i> .”
ELEMENTO MARAVILHOSO: FEITIÇOS, ENCANTOS, INSTRUMENTOS MÁGICOS, VIAGENS EXTRAORDINÁRIAS.	“Contam os velhos que foi ele quem criara as montanhas e as rochas soprando em penas fincadas ao chão.”
NÃO HÁ TEMPO DETERMINADO: HÁ UM TEMPO... CERTA VEZ...	“No antigo tempo da criação do mundo com toda sua beleza, os <i>munduruku</i> viviam dispersos, sem unidade e guerreando entre si.”
PERIGO/AVENTURA/LUTA CASTIGO/RECOMPENSA	“O tatu-desenho foi cada vez mais fundo e quando chegou ao centro da terra, Rairu encontrou muita gente que por lá morava” (AVENTURA). “Karú-Sakaibê os transformou em passarinhos, porcos-do-mato, borboletas e em outros bichos que passaram a habitar a floresta” (CASTIGO). “foi assim que Karú-Sakaibê transformou a nação munduruku num povo forte, valente e poderoso...” (RECOMPENSA)
ASTÚCIA DO MAIS FRACO	“Colheu, então, o algodão e com suas fibras fez uma corda que passou na cintura de Rairu e ordenou que fosse ao centro da terra buscar as pessoas que lá ele vira”.
SOLUÇÃO ENGENHOSA/ARDIL	“Cada um seria um povo diferente. Fez isso pintando uns de verde, outros de vermelho, outros de amarelo e outros de preto.”
PARES QUE SE OPÕE	Karú-Sakaibê X Povo munduruku

TEMAS DE IDENTIFICAÇÃO IMEDIATA/ELEMENTO LOCAL	“E tão logo a chuva caiu nasceram a mandioca, o milho, o cará, a batata-doce, o algodão, as plantas medicinais e muitas outras que servem, até os dias de hoje, de alimento para esta gente.”
--	---

Fonte: Coelho (1987); D’Angelis (2008); Lima (2011).

Org.: As autoras (2018).

O conto apresentado é uma narrativa de ficção e possui elementos norteadores de identificação imediata. Na narrativa do conto não há tempo determinado, a história se passa no tempo passado, por isso é marcado pela expressão “No antigo tempo”, que caracterizam essa indeterminação. O texto é gerado em torno de uma aventura, nessa aventura os pares que se opõem são Karú-Sakaibê e o povo munduruku, que para alguns resultou em castigo e para outros em recompensa.

O elemento maravilhoso notado por Karú-Sakaibê sendo o herói da criação, que utilizando-se de astúcia cria uma solução engenhosa para trazer o povo do centro da terra ao mundo de cima. No final da narrativa apresenta-se os elementos locais, quando “o grande herói preparou um campo, semeou e mandou chuva para regá-lo. E tão logo a chuva caiu nasceram a mandioca, o milho, o cará, a batata-doce, o algodão, as plantas medicinais e muitas outras (...)” que são elementos típicos da região Amazonas.

Quadro 2: Características do conto: *A onça valentona e o raio poderoso*.

CARACTERÍSTICAS DO CONTO	A onça valentona e o raio poderoso (MUNDURUKU, 2005, p. 59-63)
PRESENÇA DE ELEMENTOS FICCIONAIS	“a onça mostrou mais uma vez sua força soltando fortes urros que foram ouvidos por toda a terra”.
ELEMENTO MARAVILHOSO: FEITIÇOS, ENCANTOS, INSTRUMENTOS MÁGICOS, VIAGENS EXTRAORDINÁRIAS.	“Ele levantou-se de seu lugar e passou a agitar seu bastão produzindo faíscas, trovões, coriscos e toda sorte de barulho”.
NÃO HÁ TEMPO DETERMINADO: HÁ UM TEMPO... CERTA VEZ...	“Os velhos do povo <i>taulipang</i> contam que, antigamente, lá no início dos tempos, quando nada ainda havia sido criado, a onça era muito metida a besta”.
PERIGO/AVENTURA/LUTA CASTIGO/RECOMPENSA	<p>“Não sabendo o que pensar, a onça começou a fugir tentando encontrar abrigo para se esconder. No entanto, para onde quer que corresse, Raio ia até ela e descobria” (LUTA).</p> <p>“apareceram chuvas, ventos, coriscos e deixaram tudo muito frio. Tão frio que a onça não podia mais correr para lugar nenhum” (CASTIGO).</p>

ASTÚCIA DO MAIS FRACO	“Eu tenho a força muito maior do que a sua e nada pode me parar. É melhor que você não queira se achar toda poderosa antes de conhecer seu adversário”.
SOLUÇÃO ENGENHOSA/ ARDIL	“Raio a pegou pelas pernas e a atirou bem longe dali”.
PARES QUE SE OPÕE	Onça X Raio
TEMAS DE IDENTIFICAÇÃO IMEDIATA/ELEMENTO LOCAL	“Imediatamente subiu na árvore <i>carimbé</i> e a quebrou totalmente. Foi a árvore <i>paricá</i> e a estraçalhou com sua força descomunal.”

Fonte: Coelho (1987); D’Angelis (2008); Lima (2011).

Org.: As autoras (2018).

Nesse segundo conto apresentado, mesmo sendo uma narrativa curta, é possível observar as principais características que compõem o conto. O texto é narrado no tempo passado, pois é marcado pela expressão “antigamente, lá no início dos tempos” para indicar tempo indefinido.

A história traz consigo uma luta travada pela Onça e o Raio (pares que se opõem), nessa luta os seres fazem mão de seu elemento maravilhoso para que de forma astuciosa consiga desenvolver uma solução ardilosa e o mais forte vencer a luta, que para a onça considerando-se forte no início resulta em castigo, já que “apareceram chuvas, ventos, coriscos e deixaram tudo muito frio. Tão frio que a onça não podia mais correr para lugar nenhum” e, “dizem os velhos desse povo, que é por isso que, até hoje, a onça tem tanto medo de trovoada. É que dentro dela mora a lembrança da existência do poderoso Raio”.

Essa narrativa aponta, no quinto parágrafo, temas de identificação imediata, mais especificadamente, dois elementos locais, quando a Onça “imediatamente subiu na árvore carimbé e a quebrou totalmente. Foi a árvore paricá e a estraçalhou com sua força descomunal”, vegetação característica da região de campos e serras do estado de Roraima, território em que vive o povo taulipang aqui no Brasil.

Quadro 3: Características do conto: *Por que o sol anda tão devagar?*

CARACTERÍSTICAS DO CONTO	Por que o sol anda tão devagar? (MUNDURUKU, 2005, p. 27-35)
PRESENÇA DE ELEMENTOS FICCIONAIS	“– O sol, a lua e as estrelas estão lá em cima. Eles estão muito bem guardados pelo <i>Ranranresá</i> , o urubu-rei”.
ELEMENTO MARAVILHOSO: FEITIÇOS, ENCANTOS, INSTRUMENTOS MÁGICOS, VIAGENS EXTRAOR-	“Até os animais da floresta começaram a dizer a Cananxiuê: - Como um homem sozinho pode querer vencer <i>Theuú</i> e trazê-lo para nós? O sol é grande e forte e mãos vazias não irão aghen-

DINÁRIAS.	tá-lo”.
NÃO HÁ TEMPO DETERMINADO: HÁ UM TEMPO... CERTA VEZ...	“Contam os velhos sábios <i>Karajá</i> que, no início dos tempos, a terra era um lugar muito escuro, muito frio”.
PERIGO/AVENTURA/LUTA CASTIGO/RECOMPENSA	“Mas como o urubu-rei estava muito chateado com os karajá, pediu ao sol que andasse rápido, tão rápido que nem desse tempo das pessoas aproveitarem dele. E assim aconteceu” (CASTIGO). “A firmeza com que segurou o sol era tanta, que isso obrigou Theuú a diminuir a velocidade de sua passagem sobre a terra permitindo que os karajá realizem todos seus afazeres” (RECOMPENSA).
ASTÚCIA DO MAIS FRACO	“Ele deitou-se no chão e avisou a todos os animais que o seguiam: morri!”
SOLUÇÃO ENGENHOSA/ ARDIL	“Estava desconfiado, mas, acreditando nas palavras de seus conselheiros, pousou bem no peito do cadáver que, rápido como um raio, agarrou as pernas do urubu-rei e tornou-o seu prisioneiro”.
PARES QUE SE OPÕE	Cananxiuê X Ranranresá (Urubu-rei)
TEMAS DE IDENTIFICAÇÃO IMEDIATA/ELEMENTO LOCAL	“caçar, pescar, coletar frutos, trançar suas redes, comer... Sem necessidade de correr com medo de o dia acabar logo.”

Fonte: Coelho (1987); D’Angelis (2008); Lima (2011).

Org.: Oliveira (2018).

A partir da análise descritiva das características do conto folclórico no quadro acima, nota-se que Daniel Munduruku utiliza uma linguagem que busca seguir as normas da língua oficial. Nessa estrutura que compõem o conto, os elementos maravilhosos: feitiços, encantos, instrumentos mágicos, viagens extraordinárias, tornam mais intensa a identificação como narrativa ficcional, na maneira como decorre cada ponto e situação vivida pelos personagens do conto, por utilizar-se de elemento maravilhoso e com astúcia “Ele deitou-se no chão e avisou a todos os animais que o seguiam: morri!”, criando uma solução engenhosa para agarrar o urubu-rei e torná-lo prisioneiro, até conseguir o sol para que os karajá pudessem realizar todas os seus afazeres durante o dia, aqui também dado como recompensa.

No texto, observa-se que os pares que se opõem são representados pelo povo karajá, o herói Cananxiuê e Ranranresá (Urubu-rei). Sendo que há também astúcia, uma habilidade para não se deixar enganar e de forma ardil conseguir o que quer. Quanto aos temas de identificação

local, nessa narrativa temos a caça e a pesca, que são os elementos típicos encontrados no Estado do Tocantins as margens do rio Araguaia, região que habita o povo karajá.

5. *Considerações finais*

Após a análise dos contos, pode-se observar que os contos indígenas organizados numa coletânea por Daniel Munduruku, apresentam as características dos contos folclóricos estabelecidos pelo Coelho (1987) e D'Angelis (2008). Contudo, apresentam como diferencial elementos que marcam a identidade indígena.

Dessa forma, o presente trabalho possibilita de forma significativa um melhor desenvolvimento nos cursos de graduação em licenciatura, em especial no curso de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, que somos vinculadas, contribuindo para a discussão sobre as relações etnicorraciais e, sobretudo, para uma formação acadêmica que privilegie a riqueza da cultura e história indígena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Lei nº 11.645/08 de 10 de Março de 2008*. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1987.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Histórias dos índios lá em casa. In: COSTA SILVA, René Marc da. (Org.). *Cultura popular e educação*. Salto para o futuro. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, v. único, p. 141-9, 2008.

DUNDES, Alan. *Morfologia e estrutura no conto folclórico*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GAUDÊNCIO, Wanda Patrícia de Sousa; BERNARDES, Andrea Lima; MELO, Carlos Augusto de. *Literatura indígena ou indianismo – a construção da identidade do índio frente à literatura nacional*. Paraíba, 2014.

GEHLEN, R. S. Identidade de Eliane: a face potiguara, a máscara indígena e o eco de vozes silenciadas. *Boitatá*, v. 12, p. 81, 2011.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da Literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

LIMA, Lilian Castelo Branco de. *Tecendo a trama dos contos nas narrativas Guajajara/Tenetehára*: a estrutura de uma tradição. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará. Teresina: 2011.

MUNDURUKU, Daniel. *Contos Indígenas Brasileiros*. São Paulo: Global, 2005.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto*. Lisboa: Veja, 2003.

PRESSE, France. *Escritores indígenas encantam com histórias tradicionais*. Correio Braziliense, Brasília, 29 fev. 2016. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/02/29/interna_diversao_arte,519748/amp.html>. Acesso em: 3 fev. 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.